



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão forma a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito Monique de Oliveira Serra Michelle de Sousa Bahury Luciano Torres Tricário	
DOI 10.22533/at.ed.7811905061	
CAPÍTULO 2	13
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa Rosilene Alves de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7811905062	
CAPÍTULO 3	28
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar Priscila Francisco da Silva Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7811905063	
CAPÍTULO 4	36
NORMALIDADE E ANORMALIDADE DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior Jéssica Gontijo Nunes Juliane Hirosse Malizia Mariana Araújo Bichuete Cavalcante Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.7811905064	
CAPÍTULO 5	52
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
DOI 10.22533/at.ed.7811905065	
CAPÍTULO 6	69
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.7811905066	

CAPÍTULO 7	85
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7811905067	
CAPÍTULO 8	95
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol	
DOI 10.22533/at.ed.7811905068	
CAPÍTULO 9	104
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.7811905069	
CAPÍTULO 10	115
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.78119050610	
CAPÍTULO 11	125
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso	
DOI 10.22533/at.ed.78119050611	
CAPÍTULO 12	132
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.78119050612	
CAPÍTULO 13	147
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.78119050613	
CAPÍTULO 14	155
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.78119050614	

CAPÍTULO 15	164
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
CAPÍTULO 16	175
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
CAPÍTULO 17	181
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
CAPÍTULO 18	195
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
CAPÍTULO 19	205
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
CAPÍTULO 20	218
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
CAPÍTULO 21	230
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
CAPÍTULO 22	243
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

CAPÍTULO 23	249
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti	
Christiano Piccioni Toralles	
Raquel Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050623	
CAPÍTULO 24	262
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.78119050624	
CAPÍTULO 25	274
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050625	
CAPÍTULO 26	290
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78119050626	
CAPÍTULO 27	305
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa	
Victória Botelho Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78119050627	
CAPÍTULO 28	310
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo	
Ana Amélia Furtado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050628	
CAPÍTULO 29	326
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050629	
CAPÍTULO 30	342
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos	
Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho	
Daniella Brito Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050630	

CAPÍTULO 31	352
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
CAPÍTULO 32	361
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos	
Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
CAPÍTULO 33	376
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro	
Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
CAPÍTULO 34	384
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida	
Esther Dutra Ferreira	
Joane Marieli Pereira Caetano	
Laís Teixeira Lima	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
CAPÍTULO 35	397
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni	
José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
CAPÍTULO 36	413
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença	
Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
CAPÍTULO 37	422
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

CAPÍTULO 38	437
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Mirely Christina Dimbarre	
DOI 10.22533/at.ed.78119050638	
CAPÍTULO 39	449
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
Luciana Specht	
DOI 10.22533/at.ed.78119050639	
CAPÍTULO 40	459
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
Raquel Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050640	
CAPÍTULO 41	468
ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Joseane da Silva Miller Rodrigues	
Eliane Aparecida Galvão dos Santos	
Fernanda Figueira Marquezan	
DOI 10.22533/at.ed.78119050641	
CAPÍTULO 42	476
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
Michelle Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050642	
SOBRE O ORGANIZADOR	490

O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH

Caroline Mitidieri Selvero

Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação – UFSM.

Santa Maria - RS

RESUMO: A partir da educação o indivíduo vai inserir-se, construir sentido e atuar no mundo em que vive. No meio educacional estão presentes conhecimentos e linguagens entre quem socializa experiências vivenciadas neste espaço. A sala de aula é um ambiente que exige do docente uma preparação para lidar com as relações que afloram do convívio entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem e do contato com os novos saberes que são desenvolvidos no ambiente de estudo. O ser humano é influenciado e influencia constantemente o contexto a partir das interações que são estabelecidas com as outras pessoas. Nessas interações, algumas situações que são vivenciadas podem mostrar ações, nas quais o outro é considerado como um simples objeto, aproximando o ser humano a certa reificação. Embasado por essas ações, o objetivo principal deste trabalho é discorrer sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

PALAVRAS-CHAVES: Reificação. Educação. Relações Interpessoais. Luta por reconhecimento.

ABSTRACT: From education the individual will insert, build meaning and act in the world in which he lives. In the educational environment there are knowledge and languages among those who socialize experiences lived in this space. The classroom is an environment that demands from the teacher a preparation to deal with the relationships that emerge from the coexistence between the participants of the teaching and learning process and the contact with the new knowledge that is developed in the study environment. The human being is influenced and constantly influences the context from the interactions that are established with other people. In these interactions, some situations that are experienced can show actions, in which the other is considered as a simple object, bringing the human being closer to a certain reification. Embedded by these actions, the main objective of this work is to discuss the conceptualization of the reification of the subject, conceived by the German philosopher Axel Honneth.

KEYWORDS: Reification. Education. Interpersonal relationships. Fight for recognition.

1 | INTRODUÇÃO

Ao fazermos uma reflexão em relação as relações estabelecidas pelo homem em

sociedade, percebemos que o ser humano para viver socialmente e a educação exerce um papel intransferível, o de educar o caráter e o comportamento dos indivíduos. De maneira que os sujeitos convivem e contribuem uns com os outros. Nesse sentido, a educação necessita mostrar para as pessoas que vai valer a pena, que existirá um bem-estar para quem ensina e para quem aprende, ou seja, para os envolvidos na relação. Infelizmente, nem sempre é essa a realidade encontrada no ambiente de ensino.

Assim, educação é um processo contínuo de inserção na realidade, de construção de um sujeito capaz de atuar nesta realidade. A educação pode ser vista, então, como um processo contínuo em que o indivíduo vai inserir-se, construir sentido e atuar no mundo em que vive. No meio educacional compreende-se que existem saberes e linguagens entre os sujeitos que socializam experiências, ideias e conhecimentos. A sala de aula é um ambiente que exige do professor um preparo para mediar as relações que afloram do convívio aluno-aluno, aluno-professor e do contato com os novos conhecimentos que são oferecidos no ambiente de estudo. A interação, nesse sentido, é essencial para favorecer a aprendizagem e apoiar as relações interpessoais por meio do uso da linguagem.

Nesse sentido, a formação de professores é compreendida como um processo que não termina, de maneira que é possível considera-lo como sendo contínuo e ocorre juntamente com o desenvolvimento pessoal e profissional que possibilita um melhor desenvolvimento e desempenho no seu trabalho (DEVECHI; TAUCHEN; TREVISAN, 2016).

Dentro do raciocínio de perceber o professor como alguém pertencente a uma entidade, um contexto, podemos dizer que o docente está inserido em uma instituição, em um horizonte de intersubjetividade social, no qual vários seres com subjetividades diferentes fazem parte desse mesmo espaço social, dividindo opiniões, críticas, momentos de reflexão e de construção, repletos de sentimentos e emoções que promovem uma série de ações que podem contribuir ou não para as relações interpessoais presentes nesses espaços de ensino.

No contexto de ensino, designadamente, na sala de aula, está inserido um grupo de pessoas que interagem em busca de um determinado fim e, expondo com isso suas personalidades e ocorre um processo que envolve a relação entre alunos, professores e contexto social no qual estes indivíduos estão inseridos. A interação ocorre pela ação efetiva do sujeito no seu meio, ajudando na sua educação e transformação, segundo os argumentos de Motta-Roth et al. (1999).

É importante compreender que, para se entender a identidade de uma pessoa ou de um grupo social, é fundamental adotar a postura de quem participa de uma interação social com ela e refletir sobre a sua própria história, buscar pensar no que esse sujeito pensa sobre si mesmo, como algo próprio de sua personalidade e de sua identidade social (REPA, 2010). O professor deve ter claro que as interações formam o sujeito, ele é influenciado e influencia constantemente o contexto no qual está inserido

de maneira que todas as atitudes tomadas pelo ser humano são elaboradas a partir das interações estabelecidas com as outras pessoas.

Ao pensar-se no contexto de ensino, é comum questionar-se qual é o real papel da educação, de que forma o professor pode estimular o aluno ou que influências o docente pode causar no discente, questões como essas estão constantemente pairando na realidade da vida escolar e estimulam muitas investigações por parte de pesquisadores da área da educação. De acordo com Trevisan (p. 223, 2010), entende-se que o docente deveria servir como um exemplo para o sistema, no reconhecimento do outro como “estranho e diferente, e não exclusivamente como melhor, inferior ou igual, mas, sim, percebendo a igualdade na diferença no ponto inicial da conversação educativa”.

No ambiente da escola, quando o outro é respeitado, é modificado o tratamento oferecido ao conhecimento e assim abre-se um espaço para a inclusão social, para o desenvolvimento de identidades, proporcionando que experiências de não reconhecimento se tornem mais perceptíveis. Nesse sentido, a reificação não permite a consideração ao lugar do outro (TREVISAN; DEVECHI; ROSA; FAGUNDES, 2015). Por isso é fundamental buscar-se um aumento do diálogo com o outro, para que exista uma ampliação da criação de significados.

Percebe-se que isso está presente no cotidiano da vida do docente e do discente. Entre essas e outras questões surgem empecilhos para que a relação professor/estudante se dê de forma saudável e produtiva para ambas as partes. Para oferecer uma melhor compreensão social, uma teoria crítica da sociedade deve estar preocupada em interpretar a sociedade a partir da categoria do reconhecimento. Algumas situações vivenciadas no espaço escolar mostram um professor agindo sem qualquer comoção e um aluno reagindo sem qualquer respeito, ações que aproximam o ser humano a certa reificação. O que significa reconhecer o outro ou ser reconhecido pelo outro? O reconhecimento é um conhecimento novo e não de novo. O professor, ao ter contato com seu aluno, reconhece nele que questões? Reconhece algo? Que dificuldades sente?

O presente trabalho tem o objetivo de discorrer sobre a conceituação de reificação do sujeito, definição concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth. É importante salientar que ainda faz sentido falar de reificação no campo educacional, já que é possível pensar que modificam-se os tempos, mas o mal-estar na escola continua o mesmo (DALBOSCO, 2011). Dessa maneira, alguns questionamentos motivam a elaboração do presente artigo: o que está acontecendo nas relações interpessoais? Como é possível interromper, interceder, fazer com que isso não ocorra no contexto escolar?

REIFICAÇÃO: O ESTADO COISIFICAÇÃO DO SUJEITO

O filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth é um dos principais teóricos que estudou o reconhecimento, apresentando sua teoria na obra “Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais” (HONNETH, 2003). A referida teoria instituiu-se a partir da filosofia idealista de Hegel, desenvolvida no século XIX, apresentada, especialmente, nos pensamentos sobre a dialética do senhor e do escravo ou do trabalho, revisitando dois outros conceitos: o conflito e o reconhecimento. Desse modo, Hegel (2008) admitiu que a formação do espírito humano ocorre de acordo com um processo que leva gradativamente a uma ampliação das condições prévias do reconhecimento recíproco.

Honneth, partindo do referido embasamento de Hegel, retoma o modelo inicial de luta por reconhecimento na conjuntura de uma teoria social normativa, que busca vincular-se a um conceito de luta que motive-se em sentimentos morais de injustiça. Nesse sentido, segundo o estudioso, há uma conexão entre o conflito e o reconhecimento, pois a interação entre os sujeitos da sociedade se dá através do conflito, buscando uma luta por reconhecimento. Dessa maneira, existe a possibilidade de reconhecerem-se mutuamente porque interagem e se deparam com particularidades e semelhanças, permitindo que haja esse encontro com o outro, que é distinto de si mesmo.

De acordo com Honneth, a aproximação com o outro implica em “fazer de si o outro de si mesmo e retornar para si mesmo” (2003, p. 69). Nessa situação, acontece uma mudança no “si mesmo”, porque ao entrar-se em contato com o outro e reconhecê-lo, quando retorno a mim, já não sou mais o mesmo, pois assumo perante o outro uma postura que atinge até a afetividade, um comportamento que permite reconhecer no outro o outro de nós mesmos, ou seja, o próximo. Isso ocorre seguindo três formas através de uma luta por reconhecimento intersubjetivo: o amor, o direito e a solidariedade (HONNETH, 2013).

Seguindo essa perspectiva, o indivíduo só alcança a autorealização quando existe na experiência do amor, a possibilidade de autoconfiança, na experiência de direito, o autorespeito e, na experiência da solidariedade, a autoestima. Essas três formas explicam a origem de tensões sociais e as motivações morais nos conflitos. A cultura está relacionada com a existência concreta dos homens em processos sociais, podendo ser considerada como produto da vida social, sempre presente dentro das relações que são estabelecidas no meio social.

A primeira fase de reconhecimento é estabelecida nos planos dos afetos, já que o ser humano não está formado apenas pelo pensamento, mas forma sua identidade pela emoção, pela relação que estabelece entre as pessoas próximas, nas suas relações primárias; entre mãe e filho, na primeira infância, por exemplo. Nesse sentido, é chamado como pré-reconhecimento, pois trata-se da primeira experiência afetiva, que nasce como uma aventura infantil, na qual o movimento intersubjetivo constrói

o amor de si mesmo e a autoconfiança, a partir do amor do outro e da confiança no amor do outro. Honneth (2011), defende que todas as relações amorosas devem ser compreendidas como relações primárias, quando consistem em relações emotivas fortes entre poucas pessoas.

Honneth ao referir-se a primeira experiência de amor que é vivenciada pela criança na infância, encontra a raiz da possibilidade de amor por si mesmo e da autoconfiança. Ao deparar-se com questões da aventura infantil do pré-reconhecimento, Honneth toma como referência o psicanalista inglês Winnicott que baseou seus estudos no âmbito de tratamento de distúrbios psíquicos e de comportamento, procurando pesquisar o tema de socialização de crianças pequenas (ALBORNOZ, 2011). Segundo Winnicott (1983), o processo de amadurecimento infantil é uma tarefa que somente pode ser solucionada em comum, através da cooperação subjetiva existente ente mãe e filho, pois os dois sujeitos estão fazendo parte de uma díade simbiótica.

Essa primeira fase que inicia logo após o nascimento, Winnicott, nomeia de dependência absoluta, já que mãe e filho dependem um do outro e só modificam de fase quando obtêm uma espécie de independência. Em continuidade, ocorre a fase de dependência relativa, na qual a criança consegue estar só por um tempo. E essa capacidade o infante tem mais facilidade de desenvolver quando possui uma mãe com um amor duradouro e confiável. Essa relação de reconhecimento do amor apresentado por Honneth e auxiliado pela teoria psicanalítica de Winnicott, é diferente das relações jurídicas, pois um se dá pelo reconhecimento jurídico e o outro pelo reconhecimento afetivo.

Pode-se dizer que a primeira forma de reconhecimento ocorre através de emoções primárias, como amor e amizade. Segundo Honneth, o amor surge quando uma pessoa consegue reconhecer o outro como um ser independente, ele é a base da autoconfiança, de forma que permite que qualquer pessoa conserve a sua identidade e se autorrealize. Ao referir-se a capacidade da autoconfiança, esta é considerada como a base das relações sociais entre adultos. Nesse sentido, percebe-se que o amor é a forma mais elementar do reconhecimento.

A luta por reconhecimento ocorre juntamente com experiências de desrespeito, de perturbação da integridade física e/ou psíquica, como casos de maus-tratos, de violação, e de tortura, entre outros (FONTANA, 2015). Nestes casos o ser humano se encontra totalmente privado de direitos e se concebe como alguém com menos importância, valor que uma outra pessoa e acaba por isso perdendo a confiança em si mesmo.

[...] os maus-tratos físicos de um sujeito representam um tipo de desrespeito que fere duradouramente a confiança, aprendida através do amor, na capacidade de coordenação autônoma do próprio corpo; daí a consequência de ser também, com efeito, uma perda de confiança em si e no mundo, que se estende até as camadas corporais do relacionamento prático com outros sujeitos, emparelhada com uma espécie de vergonha social. (HONNETH, 2003, p. 215).

A segunda forma, é a dependência relativa, que está relacionada a uma ligação

afetiva e nessa fase reconhece o outro como pertencente de direitos próprios. Portando, o tema é o direito, pois o reconhecimento no direito ocorre em função do respeito que envolve o ser humano que quando desenvolve o autorrespeito é reconhecido como quem é juridicamente autônomo e que não possa ser algo de acusação. Quando não acontece o reconhecimento, é um indicativo de que o sujeito está perdendo, com isso, alguns direitos. Para Honneth (2003), é fundamental que os sujeitos se conheçam em sua imputabilidade moral, sob as condições das relações jurídicas modernas e que se trata de uma propriedade que deve ser partilhada por todos.

Para finalizar, a terceira forma de reconhecimento é a solidariedade ou eticidade, que remete a aceitação de qualidades individuais nos sujeitos em um contexto de uma determinada comunidade (REPA, 2010). Assim, se refere ao acontecimento da autoestima, no sentido de que a confiança é desenvolvida pela pessoa ao lidar com suas habilidades diante da sociedade.

A diferença entre esses estágios se mede no fato de que, com o aumento do número de parceiros de interação, também se torna mais complexo e exigente o comportamento de reconhecimento, por cuja internalização, a criança em desenvolvimento toma consciência de suas capacidades e direitos (HONNETH, 2013 p. 63).

De acordo com o autor, o desrespeito em qualquer uma das três esferas de reconhecimento pode ocasionar conflitos na organização jurídico-social. Ao relacionar-se com o outro, a questão da aceitação é uma dificuldade que pode ser encontrada. Em situações de intensificação da barbárie, sente-se que o outro é considerado como um simples objeto, ao fundo se percebe que possui características humanas. Essa situação se opõe a possibilidade de reificação, já que os dois sujeitos se enfrentam baseados em uma relação contratual como pessoas de direito que se opõe a possibilidade de reificação. As questões de direito estão pautadas pelos princípios morais universalistas que foram construídos na modernidade (HONNETH, 2003). Através do direito, as pessoas se reconhecem reciprocamente como seres humanos que são dotados de igualdade. Segundo o autor, a igualdade é construída historicamente, baseada em atributos universais.

RECONHECIMENTO E A RECIPROCIDADE: UMA LUTA PELA IDENTIDADE PESSOAL

A problemática de Honneth está inserida em um pensamento de que os seres humanos se tornam seres humano a partir dos processos intersubjetivos guiados por uma luta por reconhecimento (CENZI; DALBOSCO; MUHL; 2014). As experiências de reconhecimento mútuo constituem a identidade pessoal e são dificultadas por experiências de desrespeito. Essas questões podem ser percebidas como o calcanhar de Aquiles, uma fragilidade, uma limitação que é possível que seja encontrada nas relações entre as pessoas, na relação entre professor e aluno, por exemplo. Dessa

forma, o indivíduo deve ser reconhecido pelos outros sujeitos para que tenha uma autorrelação positiva, pois é possível que o desrespeito dificulte o reconhecimento da identidade.

A autorrelação para Honneth, da mesma maneira como para Hegel, é bem-sucedida quando está unida como a autorrealização com os demais sujeitos. Assim, experiências de desrespeito podem afastar o ser humano da constituição de uma identidade autêntica.

O referido reconhecimento intersubjetivo permite que o sujeito realize suas capacidades de ter uma autorrelação pautada pela integridade. Os conflitos de reconhecimento permitem que exista um desenvolvimento moral da sociedade e dos indivíduos. Da mesma maneira, a autonomia dos sujeitos somente será alcançada quando existem parceiros em processos de interação.

A partir do reconhecimento intersubjetivo que a pessoa pode ser reconhecida pelos parceiros de interação e, com isso, viabiliza a “realização plena de suas capacidades e uma relação positiva consigo próprio”. (CENZI; DALBOSCO; MUHL; 2014, p. 234). A conceituação honnethiana de vida boa é baseada em uma ideia de autodeterminação individual do ser humano e as estruturas individuais e intersubjetivas de reconhecimento.

O reconhecimento como ideologia estimula que os indivíduos se convertam e sujeitos que com sentido da aquisição de uma consciência das próprias responsabilidades e direitos, que fazem parte de um sistema de regras e atribuições sociais que consente a identidade social. O reconhecimento pode ser considerado como toda a conotação positiva e se converte no mecanismo central da ideologia, que significa reconhecer alguém, induzi-lo a autocompreensão que se encaixa no sistema estabelecido de expectativas de comportamento. (HONNETH, 2006).

As práticas de reconhecimento não efetuam um fortalecimento nos indivíduos, mas a imposição do reconhecimento, ou seja, mediante a processos de reconhecimento mútuo os sujeitos são estimulados a uma relação consigo mesmos que os motiva para tarefas e obrigações socialmente benéficas. (HONNETH, 2006). O reconhecimento deve ser um ato que se constitui quando se atribuem as capacidades particulares a uma pessoa ou um grupo.

O reconhecimento deveria fazer parte dos âmbitos das razões, para que não fique abaixo da ação moral, pois somente quando o reconhecimento de outra pessoa está motivado por razões, seria possível tentar articular como uma ação de discernimento e incluí-lo em um sentido mais amplo no campo da moral. Esses motivos quando são julgados como avaliativos podem ser comparadas a julgar-se o valor de uma pessoa ou grupo, as limitações morais as quais nos vemos obrigados no reconhecimento derivam de qualidades preciosas que se leva a expressão pública mediante ao nosso comportamento de recuperação. (HONNETH, 2006).

A partir da socialização com os outros seres humanos se aprende a conceber e a considerar racionalmente se amplia, ao mesmo tempo, o nível normativo das relações

de reconhecimento. Com cada valor confirmado frente ao reconhecimento é ampliada a possibilidade para os seres humanos de se identificarem com as suas próprias capacidades e de atingir uma maior autonomia.

“Ocorre que para se sentir valiosa a pessoa necessita ser reconhecida em realizações que ela não partilha de modo indistinto com todos os demais sujeitos”. (CENZI; DALBOSCO; MUHL; 2014, p. 227). O reconhecimento deve ocorrer a todos os seres humanos, pois em Hegel, a ideia de reconhecimento se torna a base de uma ética. A relevância do reconhecimento pode estar vinculada com uma experiência formativa mais intrincada em um universo mais complexo e diversificado.

Um dos principais desafios, no que tange à problemática do reconhecimento, é conciliar o respeito às diferenças e às singularidades de indivíduos e grupos, típicas de sociedades pluralistas, com a exigência de igualdade e universalidade consolidada pela herança iluminista moderna. (CENZI; DALBOSCO; MUHL; 2014, p. 225).

O reconhecimento para ser completo deve ocorrer em um nível político também, pois todos os que não tinham acesso a essa esfera ficavam distantes da possibilidade de serem reconhecidos. As questões éticas do trabalho docente necessitam ser discutidas, já que, muitas vezes, percebe-se os docentes envolvidos em uma atitude defensiva, pois necessitam estar preparados para responder aos alunos. Dessa forma, sente-se que o trabalho do docente vai além do processo de ensino, porque se prolonga a formação educativa. (NÓVOA, 1999, p. 19). A ética, segundo Honneth, vai além de uma relação com o entendimento de justiça limitada. (CENZI; DALBOSCO; MUHL; 2014), pois deve estar presente em todas as atitudes do professor e como esse profissional que está em constante interação com os discentes, sempre é observado por eles, compreende-se que serve como um exemplo para estes aprendizes.

O fato de reconhecer-se no outro se refere ao fato de encontrar neste outro as mesmas características fundamentais que se vê em si; dessa forma, pretende-se ter o mesmo respeito que se espera receber seja dado ao próximo, e assim por diante. No entanto, segundo Honneth, esse processo, em diversas situações não é mantido, isso faz com que divergências e conflitos ocorram, dentre eles a injustiça. Para o autor, muitas vezes, se pretende fazer com que esses movimentos sejam visíveis para a população e a mídia pode, desse modo, influenciar o posicionamento das pessoas, definindo o que são e não são movimentos sociais. Nesse sentido, a mídia e os veículos de informação de países apresentam um poder muito forte e manipulatório. Por isso, é necessário que o conceito de reconhecimento seja percebido em todas as esferas da sociedade em seus aspectos psicológico, político, social e também econômico.

Dentro desse contexto, é importante que as políticas públicas de educação e os estabelecimentos de ensino saibam da fundamentação de buscar evitar as agressões e os maus tratos para que o estudante consiga desenvolver a autoconfiança e a autoestima para seguir o seu caminho e trilhá-lo com desejo e aspiração. Honneth destaca que na psicanálise, partindo da teoria das relações do objeto “toda forma bem-

sucedida de relação primária, os sujeitos podem se saber reciprocamente amados em sua individualidade, a ponto de poderem estar a sós sem angústias”. (HONNEH, 2003, p. 276). Assim, ainda existe a intenção de buscar auxiliar na formação de alunos que sejam críticos e que saibam de seu direito de igualdade que faz parte das relações jurídicas.

Dessa forma, compreende-se que, baseados no direito civil, todas as pessoas possuem o direito de decisão e que podem também estabelecer os seus objetivos sem qualquer influência externa, pois “cada sujeito é capaz de se conceber como uma pessoa que, voltando-se a si mesma, pode entrar numa relação de exame ponderador dos próprios desejos”. (HONNEH, 2003, p. 277). Ao refletir acerca dos processos de ensino, entende-se que nesse meio é essencial que ocorra a valorização das habilidades e capacidades individuais oportunizando que sejam valorizados socialmente e que, com isso, evitem ofensas ou qualquer situação que abale a sua honra, pois todo o sujeito para que tenha uma boa formação necessita de estima social que são baseadas no que é compartilhado. (HONNETH, 2003).

A educação deve valorizar o reconhecimento, no sentido de que existam sujeitos com autoconfiança, autorrespeito e autoestima, conseqüentemente estará formando pessoas com mais autonomia e com autorrespeito. Assim, entende-se que isso permitirá que cada pessoa consiga desenvolver a autonomia e alcançar a emancipação, porque serão sujeitos seguros que conseguirão expressar-se sem limitação e se darão conta de sua importância social e crítica. Com isso, a educação que segue uma pedagogia do reconhecimento deve primar pela formação de sujeitos autônomos e com possibilidades de emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho buscou discorrer sobre a conceituação de reificação do sujeito, definição concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No contexto de ensino, designadamente, na sala de aula, pode-se afirmar que a interação de qualidade está completamente relacionada com a relação ativa de alunos e professores na efetivação dos processos de ensino e aprendizagem. Trata-se de um processo que envolve a relação entre alunos, professores e contexto social no qual estes indivíduos estão inseridos. No espaço da sala de aula está inserido um grupo de pessoas que interagem em busca de um determinado fim e, expondo com isso suas personalidades.

Muitas vezes, as relações podem estar comprometidas e isso dificulta que as pessoas consigam interagir sem qualquer dificuldade, trazendo ao convívio um mal-estar que prejudica o estabelecimento de qualquer interação. Percebe-se que isso, em muitas situações, está presente no cotidiano da vida do docente e do discente.

Conforme foi possível discutir ao longo deste artigo, estas questões que envolvem

as relações interpessoais sempre merecem uma maior atenção, pois influenciam na vida pessoal dos envolvidos. Nesse sentido, percebe-se que esse tema de reificação é extremamente relevante para ser discutido.

Com essas questões discutidas ao longo do artigo, Honneth admite que o reconhecimento é condição das outras formas eminentemente sociais, jurídicas, morais e institucionais. O reconhecimento é um aspecto extremamente importante no contexto escolar, de forma que o seu desenvolvimento é um fator fundamental para que ocorra sucesso na sala de aula, entre as relações interpessoais estabelecidas no contexto escolar.

Dessa forma, é possível admitir que os envolvidos nas relações interpessoais que ocorrem no espaço educativo reconheçam a sua identidade e, além disso, estabeleçam questões fundamentais no relacionar-se com o outro como o respeito e o reconhecimento mútuo.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana Guerra. **As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth**. Cadernos de Psicologia Social do trabalho. 2011, vol 11, n. 1, p. 127-143. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25720/27453>
- CENZI, Angelo V; DALBOSCO, Cláudio A.; MUHI, ELDON H. Reconhecimento e formação. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; DALBOSCO, Claudio A.; HERMANN, Nadja. **Recursos hermenêuticos e políticos: homenagem a Hans-Georg Flickinger**. Porto Alegre: Ed. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do Sul, 2014.
- DALBOSCO, Claudio Almir. **Reificação, reconhecimento e educação**. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 46, p. 33 – 49. Passo Fundo: jan. - abr. 2011.
- DEVECHI, Catia Piccolo Viero; TAUCHEN, Gionara; TREVISAN, Amarildo Luiz. **Aprendizagem evolutiva na formação de professores: continuidade entre as certezas e os acertos discursivos**. Revista Brasileira de Educação, v. 21, n. 65, p. 347-369, abr.- jun. 2016.
- FONTANA, Marcus Vinicius Liessem. **Complexidade e Reconhecimento: As dinâmicas do afeto e do conflito na EAD**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, 2015. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/tede//tede_arquivos/18/TDE-2016-04-11T094821Z-7134/Publico/FONTANA,%20MARCUS%20VINICIUS%20LIESSEM.pdf . Acesso dia 10/05/2017.
- HEGEL, Georg W. Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. 5ª Ed. Petrópolis: RJ: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução Luiz Repa. São Paulo, SP: 2003.
- _____. **Observações sobre a Reificação**. Civitas, v. 8, n. 1, p. 68 - 79. Porto Alegre: Jan. – abr. 2008.
- _____. **O eu e o nós: reconhecimento como força motriz de grupos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 15, nº 33, p. 56-80, mai./ago. 2013.
- _____. **El reconocimiento como ideología**. Revista Isegoría, nº 35, 2006. Disponível em: <http://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/view/33/33>. Acesso dia: 30 de maio de 2018.

MOTTA-ROTH, D. et all. **Interação & motivação em um curso de inglês mediado por computador.** Pôster apresentado na Sessão de Pôster. 9º InPLA, 30 de abril a 2 de maio. São Paulo: LAEL, PUCSP, 1999.

NÓVOA, António. **Os Professores na Virada do Milênio:** do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11 – 20, jan – jun, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a02.pdf>. Acesso dia: 12 de fevereiro de 2018.

REPA, Luiz. **Reconhecimento da diferença na teoria crítica.** In: Diferença, cultura e educação, pg 17 - 34. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

TREVISAN, Amarildo. **A pragmática do professor e a experiência de liberdade educativa.** In: Experiência, educação e contemporaneidade. Marília/SP: UNESP, 2010.

TREVISAN, Amarildo Luiz; DEVECHI, Catia Piccolo Viero; ROSA, Geraldo Antonio da; FAGUNDES, André Luiz de Oliveira. **A Filosofia da educação no giro do reconhecimento do outro.** Educação e Filosofia Uberlândia, v.29, n.58, p.861 – 887, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/25107>. Acesso em: 24 de maio de 2016.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Por Irineo Constantivo Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1

